

Último TRIÊNIO foi o mais QUENTE já REGISTRADO

Pela primeira vez, planeta chegou a três anos seguidos com temperatura 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Aceleração dessa tendência de aquecimento extremo atormenta cientistas; 2025 foi o terceiro ano mais quente na história

» ISABELA ALMEIDA

O termômetro global ultrapassou nos últimos três anos os níveis pré-industriais em mais de 1,5°C. O alerta foi divulgado no novo relatório publicado pelo observatório europeu Copernicus. Além disso, 2025 foi o terceiro ano mais quente já registrado. Segundo a pasta, 2026 deve seguir o mesmo caminho.

"O aumento brutal registrado entre 2023 e 2025 foi extremo e aponta para uma aceleração do aquecimento global", alertaram cientistas do instituto Berkeley Earth. Desde o ano passado, a Organização das Nações Unidas (ONU), inúmeros climatologistas e formuladores de políticas públicas reconhecem que o planeta caminha aparentemente de forma inexorável para um aquecimento sustentado de 1,5°C, o limite simbólico estabelecido pelo Acordo de Paris sobre mudanças climáticas, muito antes do imaginado nos piores cenários.

Com três anos consecutivos nesse nível, o Copernicus considera provável que a superação permanente do limite seja confirmada "antes do fim da década, ou seja, mais de 10 anos antes do previsto". A aceleração é ainda mais alarmante porque coincide com um momento em que os Estados Unidos, o segundo maior emissor de gases de efeito estufa, romperam com a cooperação climática internacional e Donald Trump restabeleceu o papel central do petróleo na economia americana.

Para Marco Moraes, divulgador científico e autor do livro *Planeta Hostil*, o relatório é menos uma "notícia" e mais um "atestado contundente". "O fato crucial é que os últimos 11 anos foram, sem exceção, os 11 mais quentes já registrados, uma sequência inédita que apaga qualquer dúvida sobre a tendência de aquecimento. Mais preocupante ainda é a aceleração dessa tendência: pela primeira vez, a média de um triênio (2023-2025) ultrapassou 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Os números são o termômetro de uma doença profunda, cujos sintomas são sentidos na pele, no prato e no bolso de cada cidadão."

O que 2026 reserva

Em países ricos, o combate às emissões de gases de efeito estufa perde força. Na Alemanha e na França, a redução se estagnou novamente em 2025. Nos Estados Unidos, a reativação das usinas de carvão elevou mais uma vez a pegada de carbono do país, anulando anos de avanços.



Incêndios florestais de muita gravidade e imensa extensão, como este na França, têm se tornado cada vez mais comuns — e assustadores — na Europa devido às mudanças climáticas



Este não é mais um aviso distante. É a prova de que o aquecimento global está ganhando velocidade, tornando a projeção de que atingiremos o limite de 1,5°C de forma permanente até o fim desta década uma possibilidade assustadoramente real"

Marco Moraes, divulgador científico e autor do livro *Planeta Hostil*

a estiagens. Após intenso calor, a circulação do ar induz precipitação e eventos extremos, como tempestades, tornados e granizos, causando assim grandes impactos."

Aquino frisa que essa elevação na temperatura mundial não deve ser interrompida. "Vamos ultrapassar a linha e estabilizar em 1,5 graus Celsius (acima dos níveis pré-industriais), ou mais, até 2030, em mais quatro anos."

Apesar da manifestação do La Niña, 2025 "permaneceu um dos anos mais quentes já registrados em escala mundial, devido ao acúmulo de gases de efeito estufa que retém o calor na atmosfera", afirmou a secretária-geral da OMM, Celeste Saulo, em comunicado. O ano passado também teve muitos eventos climáticos extremos, como ondas de calor, ciclones e tempestades violentas na Europa, na Ásia e na América do Norte, assim como incêndios florestais que tiveram intensidade e frequência amplificadas pelo aquecimento global.

O uso de petróleo, carvão e gás fóssil é apontada como a principal causa dessa elevação nas temperaturas mundiais. No entanto, Robert Rohde, cientista do Berkeley Earth, alerta para outros fatores que podem ampliar o aquecimento. É o caso das normas internacionais que reduziram o teor de enxofre no combustível de navios desde 2020. Isso pode, na verdade, ter contribuído para o aquecimento, ao diminuir as emissões de dióxido de enxofre, que formam aerossóis que refletem a luz solar para longe da Terra.

Duas perguntas para

FLÁVIA MARTINELLI, especialista em mudanças climáticas do WWF-Brasil

Quais são as principais implicações científicas e políticas do planeta ter ultrapassado, por três anos consecutivos, o limite de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais?

É preciso agir com urgência para evitar os pontos de não retorno. Estamos falando da Amazônia deixar de ser a floresta que é, o que pode desregular ainda mais o clima, e da extinção dos corais e a biodiversidade que depende deles, além de outras consequências.



Isso representa mudanças de economias inteiras, mortes e perda de qualidade de vida, desenvolvimento de novas doenças, insegurança alimentar, entre outros danos. Os governos precisam encarar o clima com a seriedade necessária, e se preparar para esses cenários extremos, investindo pesado tanto em mitigação, para redução de emissões de gases de efeito estufa, quanto em

adaptação, para prevenir perdas de vidas, de biodiversidade e econômicas.

Até que ponto a retração das políticas climáticas em países desenvolvidos pode comprometer a capacidade global de mitigar o aquecimento nas próximas décadas?

Sendo a crise climática uma crise global, necessita-se o envolvimento do maior número de países

possível agindo para contê-la, especialmente os países desenvolvidos, que não só são os principais emissores, como também são os que têm capacidade econômica para agir. Paises com florestas tropicais podem combater desmatamento e nações produtoras de petróleo podem investir em uma transição energética justa. Adicionalmente, os governos subnacionais também exercem um papel importante, como alguns estados americanos que protagonizaram no primeiro governo Trump uma série de ações climáticas relevantes em oposição aos posicionamentos presidenciais.

IMPACTO SIGNIFICATIVO

Cinco minutos a mais em movimento, menos mortes prematuras

Caminhar um pouco mais, levantar da cadeira com mais frequência ou reduzir o tempo sentado ao longo do dia pode ter um impacto maior do que se costuma imaginar. Um estudo internacional publicado na revista científica *The Lancet* indica que um pequeno acréscimo na quantidade de atividade física diária — cerca de cinco minutos — está associado a uma queda relevante no risco de morte prematura.

A pesquisa analisou dados de mais de 135 mil adultos acompanhados por cerca de oito anos, em diversos países. Durante esse período, os cientistas cruzaram informações sobre níveis reais de movimento e comportamento

sedentários com a ocorrência de óbitos, estimando quantas mortes poderiam ser evitadas com mudanças simples na rotina.

Em vez de apenas responder a questionários, todos os participantes usaram acelerômetros, dispositivos semelhantes aos sensores presentes em relógios inteligentes, capazes de registrar cada movimento ao longo do dia. Assim, foi possível saber com precisão quanto tempo cada pessoa passava sentada, em atividades leves ou em exercícios de intensidade moderada a vigorosa.

Os resultados chamaram a atenção dos pesquisadores. Entre pessoas que praticavam cerca de 17

minutos diárias de atividade moderada, acrescentar apenas cinco minutos reduziu em até 10% o risco de morte prematura por todas as causas. Já entre os indivíduos mais sedentários, que eram fisicamente ativos por apenas seis minutos por dia, o mesmo aumento foi associado a uma queda de cerca de 6%.

Movimentos leves

Ficar muito tempo sentado também é ruim para a saúde. Para adultos que passam em torno de 10 horas por dia nessa posição, reduzir esse período em 30 minutos diminui 7% o risco de morte. Para os cientistas, as descobertas reforçam uma mudança

O tempo sentado também influencia na saúde

de perspectiva na ciência da atividade física. Não apenas exercícios intensos contam, movimentos leves e pausas também têm impacto mensurável na saúde.

Os pesquisadores alertam, no entanto, para as limitações da pesquisa. Por se tratar de um estudo observacional, eles destacam que não é possível afirmar causalidade direta. Além disso, a amostra envolve majoritariamente adultos acima dos 40 anos, residentes em países de alta renda.

